

IDEIAS E CULTURA NO PLANO INTERNACIONAL NA PRISÃO DA CIÊNCIA POLÍTICA?

Por Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos*

RESENHA

**WENDT, A. *Teoria Social da Política Internacional.*
Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2014.**

A publicação de “Teoria Social da Política Internacional” de Alexander Wendt (2014) em língua portuguesa é indubitavelmente bem-vinda em vista da enorme ausência da tradução de textos específicos e fundamentais em Relações Internacionais. O fato de Wendt ser o autor canônico na vertente teórica construtivista, a inexistência de traduções de textos do autor em português e a enorme importância da versão original do livro (WENDT, 2003) em questão para o terceiro debate teórico em Relações Internacionais são mais alguns motivos que enaltecem a relevância de sua publicação.

Alexander Wendt foi professor na Universidade de Yale e é atualmente professor associado da Universidade de Chicago; publicou vários artigos sobre teoria das Relações Internacionais e, como escrito acima, notabilizou-se na elaboração no âmbito da vertente construtivista.

Existe um certo senso comum acadêmico no sentido de creditar ao construtivismo de Wendt um caráter de crítica ao realismo estrutural e positivista de Waltz (1979), o autor que é normalmente tomado como a grande referência teórica recente para os debates no temário internacional. Isto não é totalmente acurado, uma vez que a proposta de Wendt (2014) é de uma *via media* entre a abordagem positivista referida e as perspectivas críticas e pós-positivistas. O próprio título da obra é ilustrativo disto: **Teoria Social** alude justamente à perspectiva crítica ao realismo positivista e ao caráter social e cultural de construção de significados no plano internacional; por sua vez, **da Política Internacional** refere à abordagem realista que considera as relações políticas entre os Estados o ponto mais importante das relações internacionais, tomando como uma das premissas metodológicas

de maior relevo a autonomia da política frente às outras instâncias. Não ao acaso e ensejando este ponto específico, o livro canônico de Waltz é intitulado justamente “Theory of International Politics” (WALTZ, 1979).

A tradução de Wendt (2014) é formada por três partes. Uma seção introdutória de caráter epistemológico, uma parte referente à teoria social e outra concernente à política internacional. Ressalve-se que resenhar um livro tão extenso e denso quanto este é um desafio que não se permite escapar a uma simplificação excessiva, provavelmente problemática, mas necessária em função do curíssimo espaço.

Na seção introdutória, Wendt busca fundamentar sua *via media* referida. Em linhas gerais, sua proposta tenta se colocar em uma encruzilhada de quatro sociologias, que também se constituem em rótulos e classificações recorrentes ao longo do livro; são elas, as perspectivas holista, individualista, materialista e idealista. Entretanto, deve-se ter o cuidado no entendimento dos dois últimos rótulos, distintos do entendimento recorrente. Nestes casos, Wendt os entende respectivamente, grosso modo, como as perspectivas que enfatizam as capacidades materiais dos Estados - ou aquilo que constitui os vários elementos de poder de um Estado - e as abordagens que acentuam a importância e o papel das ideias.

A segunda seção possui três capítulos. De modo geral, eles tentam demonstrar o nexo teórico entre as perspectivas ditas inconciliáveis das estruturas, agentes no plano internacional nos vários enfoques realistas (que enfatizam os aspectos materiais) das Relações Internacionais e nas ciências em geral com o âmbito das ideias.

Por sua vez, a terceira seção se constitui de três

capítulos. O cerne da sua discussão está no caráter cultural, identitário e antropomórfico que regem as relações internacionais e as próprias relações interestatais.

É evidente que a discussão trazida por Wendt traz uma série de questões instigantes e de longo alcance para as Relações Internacionais. Seu livro contempla uma compreensão correta e acurada da teorização de Waltz (1979), tomada como referência para o campo teórico internacionalista e suas várias contendas.

A tradução apresentada é de boa qualidade e a edição, resenhada aqui, peca somente por poucos erros de revisão de digitação.

A despeito disto, há uma série de pontos metodológicos de enorme alcance não resolvidos e não aprofundados por Wendt ao longo de seu livro.

Suas referências intelectuais focam demasiadamente em rótulos para a caracterização das inúmeras e distintas abordagens teóricas e intelectuais discutidas. O uso de tais rótulos não evidencia de forma aprofundada e devida as várias possibilidades de aproximação e de nexos propostos por Wendt. Subentender o nexo com ideias, cultura e identidade não é algo dado, mas, acima de tudo, definir de forma precisa o significado de tais conceitos e muitos outros para justificar tal linha de raciocínio.

Apesar da correta caracterização de Wendt de algumas elaborações canônicas - como a já aludida referente a Waltz (1979) -, Wendt opta por trazer tais elaborações para sua “área de conforto intelectual”, “para sua paróquia”, ao invés de aprofundá-las nas suas fontes e linha de raciocínio interna. Quando Wendt efetua isto, justapõe de modo eclético, incompatível entre várias categorias e conceitos (OLIVEIRA FILHO, 1995), os pontos de crítica e de concordância com aquelas perspectivas que pretende enfatizar. Por outras palavras, não se sustenta que um infinito conjunto de questões práticas e teóricas internacionalistas faça parte do mesmo problema acerca das ideias e da cultura.

Ademais, a proposta de Wendt de acentuar ideias e cultura não supera o campo, o cenário e o pano de fundo de debates propostos pela abordagem tradicional e positivista de Waltz. Dito de outra forma, a proposta de Wendt confirma a avaliação de Justin Rosenberg (2016) de que toda a discussão e elaboração teórica das Relações Internacionais desde 1979 não passaria de uma nota de rodapé em relação à teorização de Waltz, focada na ênfase nas relações políticas e interestatais. Todas as contribuições de outras disciplinas são recebidas pelas Relações Internacionais, sem que estas

contribuam efetivamente em outras disciplinas em função do confinamento imposto pela premissa metodológica da autonomia da política. Ressalve-se, contudo, que estas contribuições não rompem a “prisão da Ciência Política” aludida e constatada analiticamente por Rosenberg (2016).

Ao aceitar ao menos em parte o referencial de Waltz, não se efetua um passo importante na elaboração teórica internacionalista na direção de múltiplas e desiguais interações e causalidades no além-fronteiras. Entretanto, continuar tal discussão é ensejo para uma reflexão também muito maior e ampla que este pequeno espaço pode dar conta.

Nota:

¹ A literatura especializada convencionou de forma anacrônica a existência de três grandes debates teóricos na área de Relações Internacionais. O primeiro debate envolveria realistas e utopistas nos anos 1930, representados, respectivamente, por Carr (2001) e Angell (2002). O segundo debate envolveria realistas - tendo como principal expoente Morgenthau (2003) e um grande conjunto de autores behavioristas entre o pós-Segunda Guerra Mundial e o fim dos anos 1970. O referido terceiro debate teria como protagonistas o realista estrutural Kenneth Waltz (1979) e seus vários críticos, dentre eles Wendt (2014).

Referências:

- ANGELL, N. *A grande ilusão*. Brasília: UnB, IPRI; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002. (Clássicos IPRI, 6).
- CARR, E. *Vinte anos de crise: 1919-1939*. Uma introdução ao estudo das relações internacionais. Brasília: UnB; IPRI; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. (Clássicos IPRI, 1).
- MORGENTHAU, H. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Brasília: UnB; IPRI; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. (Clássicos IPRI, 9).
- OLIVEIRA FILHO, J. J. Patologias e regras metodológicas. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 263-268, jan.-abr. 1995.
- ROSENBERG, J. International relations in the prison of political science. *International Relations*, n. 30, p. 1-27, 2016.
- WALTZ, K. *Theory of International politics*. Reading: Addison-Wesley, 1979.
- WENDT, A. *Social theory of international politics*. Cambridge: Cambridge University, 2003.
- WENDT, A. *Teoria social da política internacional*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2014.

* Professor de Teoria das Relações Internacionais do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e do Programa de Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais (Unesp/Marília); professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisador; e vice-líder do grupo “Marxismo e Pensamento Político” do Centro de Estudos Marxistas desta mesma universidade.